

O conceito de falo na psicanálise... ainda?

The concept of the phallus in psychoanalysis... yet?

Flavia Gaze Bomfim

Resumo

O falo possui diferentes formas de ser abordado dentro da psicanálise e se mostra um conceito de difícil compreensão, sendo também um dos mais controversos deste campo. Por meio dele, um tenso debate entre feminismo e psicanálise se estabelece, que passa a ser renovado a cada onda do movimento feminista. Movida por este debate, tomei como direção pensar se o conceito de falo ainda é útil para pensar a sexualidade no século XXI. Conclui-se que pelo fato de ainda não termos superando o regime e a política patriarcal e fálica – ainda que ela venha sofrendo abalos e opere de forma “não-toda” –, o conceito de falo ainda nos ajuda a pensar a sexualidade na atualidade quando trabalhamos com ele a partir da noção de lógica e gozo presente nas fórmulas quânticas do último Lacan, ultrapassando uma discussão em termos de identificação homem e mulher.

Palavras-chave

Falo, feminismo, não-todo.

Abstract

The phallus has different ways of being approached within psychoanalysis and is a concept that is difficult to understand, being also one of the most controversial in this field. Through it, a tense debate between feminism and psychoanalysis is established, which is renewed with each wave of the feminist movement. Moved by this debate, I decided to consider whether the concept of the phallus is still useful for thinking about sexuality in the 21st century. It is concluded that because we have not yet overcome the patriarchal and phallic regime and politics – even though it has been suffering shocks and operates in a “not-all” way –, the concept of phallus still helps us to think about sexuality today. when we work with him from the notion of logic and jouissance present in the quantum formulas of the last Lacan, going beyond a discussion in terms of male and female identification.

Keywords

Phallus, feminism, non-all.

Flavia Gaze Bomfim

Universidade Federal Fluminense

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

flaviabonfimps@yahoo.com.br

Introdução

Entre os vários conceitos psicanalíticos, o falo é uma das noções de maior dificuldade de compreensão, sendo também altamente controverso. Vale destacar que se trata de um conceito que teve uma série de desdobramentos ao longo da história da psicanálise – o que atesta que seu caráter teórico não é linear. Notadamente, Freud falou muito mais em “pênis” do que falo. Sua hipótese da primazia fálica deu margem para um fervoroso debate a respeito da sexualidade feminina entre as décadas de 1920-1930 promovido pelos pós-freudianos a partir da influência da primeira onda do feminismo. Esse debate levou Lacan a retomar a questão da ordenação sexual para afastar qualquer possibilidade de pensá-la pelo viés biológico. Assim, o falo foi alçado à dimensão de significante, em seu estatuto puramente simbólico. Contudo, contemporâneo ao momento de reviravolta na cultura provocada pela segunda onda do feminismo – entre outros acontecimentos históricos e culturais – Lacan produziu avanços sobre o tema da sexualidade ao pensá-la pelo viés da lógica e do gozo, apontando duas maneiras distintas de referir-se ao falo: todo e não-todo fálico.

Atualmente, com os reflexos da terceira onda, em meio às críticas da Teoria Queer à psicanálise, tornou-se inevitável trabalhar novamente sobre esse conceito para estabelecermos um debate fecundo capaz de responder aos questionamentos que a sexualidade no século XXI introduz. Nesse sentido, Dunker e Cossi (2019) consideram que a psicanálise pode se beneficiar com as críticas que recebe, pois na medida em que as recolhe e se encontra aberta a novos problemas, ela é capaz de reexaminar seus conceitos teóricos e assim progredir de modo a colocar a psicanálise no horizonte da subjetividade de sua época.

Diante disso, a proposta deste artigo é retomar a noção de falo na psicanálise – contextualizando seu uso inicial na obra de Freud e apresentando as modificações ocorridas em torno desse conceito no ensino de Lacan. Em seguida, proponho discutir se as construções sobre a sexuação ainda são úteis para ler as diferentes maneiras como o sexual se apresenta na atualidade. Essa discussão será, contudo, atravessada pela necessidade de pensar os modos de ordenação da sexualidade do século XIX até o século XXI na medida em que as construções psicanalíticas não devem ser tomadas como atemporais, nem deslocalizadas do contexto social em que foram produzidas.

O pensamento sobre a sexualidade na Europa do século XIX-XX e as teorizações freudianas sobre a diferença sexual

Inegavelmente, muitas teorizações freudianas revelam uma atualidade impressionante. Isso, contudo, não implica em desconsiderar a necessidade de analisar as marcas do tempo que elas carregam, sobretudo, no terreno da sexual, visto as constantes mudanças que vêm ocorrendo na maneira como os sujeitos vivenciam sua sexualidade. Qual o tempo de Freud? Qual o pensamento sobre a sexualidade na Europa vitoriana e como ele comparece na teoria freudiana sobre a diferença sexual? Seria Freud um defensor do falocentrismo ou um leitor da sexualidade organizada nos moldes da ordem fálica?

A Europa do século XIX e XX era altamente marcada por um regime patriarcal e falocêntrico, no qual havia uma rígida distinção entre a masculinidade e a feminilidade. A construção da masculinidade era habitada por discursos que promoviam um ideal viril, no qual o homem deveria apresentar as qualidades de força, coragem, dominação territorial e sexual, bem como limitada expressão dos afetos. Com isso, garantia-se, por acréscimo, as formas de dominação dos homens sobre as mulheres. Nesse

período, os discursos em torno da virilidade atingiram o seu auge com as ciências biológicas, a cultura bélica e o campo jurídico. De acordo com Corbin (2013), as ciências biológicas fomentaram a ideia de que o homem é o “porta-semente” dos seres humanos e a espécie que domina a criação, promovendo uma supervalorização do pênis, da penetração e da ejaculação. Além disso, justificavam como inerente a natureza do homem uma tendência à expansão e à dominação.

Esse período da Europa também foi fortemente habitado por uma valorização da cultura bélica. Sucessivamente, temos a expansão do Império Napoleônico entre 1799 e 1815; o período do neocolonialismo na África, na Ásia e na Oceania no final do século XVIII e início do século XIX; e a Primeira Guerra Mundial entre 1914 e 1918. Para além de todas as tramas políticas e econômicas envolvidas nessa cultura bélica, não podemos desprezar que ela alimentou um ideal viril, onde o referencial fálico de potência, poder e força era exaltado como condição de heroísmo e defesa da pátria (JEAN-PAUL BERTAUD, 2013).

Compondo esse lugar de destaque do homem na sociedade, temos o campo jurídico, que na França, por exemplo, ratificava a dominação e a superioridade do homem no seio familiar. Ao homem, cabia sustentar a família; já a mulher devia obedecer ao marido. Os processos jurídicos em torno do adultério e do pedido de divórcio eram exemplares para demarcar certos lugares no campo do desejo. Sendo uma necessidade sexual, a traição masculina não era justificativa para a esposa pedir divórcio, com exceção dos casos onde o marido levava a amante para a casa onde vivia com a família. Diferentemente, a mulher adúltera poderia ser presa e o marido traído ser absolvido, caso matasse a esposa e o amante pegos em flagrante (CORBIN, 2013).

De acordo com Corbin (2013), a imagem da Sagrada Família era o referencial. O homem devia cuidar da esposa e dos filhos, tal como São José. A mulher, por sua vez, devia se assemelhar à Maria, sendo a virgindade alçada ao estatuto de qualidade e a maternidade um destino. Além disso, a mulher precisava apresentar os atributos de delicadeza, intuição, cuidado com o corpo, sensibilidade e ser boa ouvinte.

Nesse período, a literatura sobre o tema da sexualidade sofreu um amplo crescimento, seja em tratados médicos quanto em textos didáticos dirigidos aos pais e aos jovens. Essa literatura, todavia, não tinha outra função do que promover uma disciplinarização dos corpos e uma normatização das práticas sociais e subjetivas. Ainda que houvesse uma ampla discussão sobre o sexo, a sexualidade era limitada a aspectos morais em que imperava a vergonha e o medo, pois todo o discurso visava evitar a degradação sexual e as doenças sexualmente transmissíveis (IANNINI; TAVARES, 2020).

Na contramão desse modo de discutir a sexualidade, temos a abordagem freudiana. Ao introduzir o conceito de pulsão, Freud desalojou a sexualidade do campo biológico, pois seu objeto é contingente e variado. Não há programação no terreno sexual, mas uma multiplicidade libidinal que será alvo da intervenção dos pais e do social. Ao possuir uma disposição sexual masculina e feminina, a eleição de uma posição sexual, contudo, seria fruto de um recalque de uma corrente em relação à outra em função dos conflitos que o sujeito enfrenta para construir sua sexualidade. Tal eleição implicaria, então, em se submeter a certas identificações edípicas (FREUD, 1996 [1905]).

Assim, para construir seu arcabouço teórico sobre a sexualidade, Freud forjou os conceitos de complexo de Édipo, castração e falo, servindo sempre de uma abordagem mitológica e cheia de alegorias para formulá-lo. Não é demais dizer que não é possível tomá-las ao “pé das letras”, sendo necessário reconhecer seu sentido metafórico. Aqui, contudo, reside nosso

maior problema: Como alcançar o que Freud quis transmitir com tais formulações? Esse constitui um dos esforços desse texto.

Categoricamente, a produção teórica na psicanálise articula-se com a clínica. O que chegou à clínica de Freud e o que ele pôde ler a respeito da sexualidade? De acordo com Vieira: “Freud descreveu o modo como a sexualidade se estruturava em sua época, destacando o falo como base da constituição das identidades padrão em sua cultura” (2019, p. 179). Ou seja, Freud verificou que a sociedade europeia era marcadamente estruturada pelos padrões patriarcais e falocêntricos, identificando os efeitos inconscientes deles.

Se é certo que em pontos teóricos específicos Freud reitera padrões normativos vigentes em sua época, não podemos negar que de maneira geral suas formulações caminham muito mais em direção à subversão do que o contrário. Considerar a hipótese da bissexualidade infantil; romper com a ideia de instinto; defender que as escolhas objetais não são determinadas pela anatomia; sustentar que a homossexualidade não é uma doença, são apenas alguns pontos que não naturalizam a dimensão do masculino e feminino, nem suas formas de parcerias amorosas. Pelo contrário, se podemos extrair algo fundamental da teoria da sexualidade proposta por Freud é o seu caráter errante.

Voltando a leitura que Freud fez da sexualidade, ele percebeu que identificados como homens estariam aqueles reconhecidos culturalmente pela posse fálica, cabendo responder em sua posição sexual a partir desse lugar, mas admitindo que “a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino” e que “a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto” (FREUD, 2020 [1925], p. 271). Mulheres, por sua vez, seriam aquelas que se distinguem do homem por serem castradas. Além disso, feminilidade e maternidade caminhavam juntas, tendo em vista que um filho se colocaria para a mulher como um substituto simbólico do falo (FREUD, 1996 [1931,1932]). Por outro lado, insistia para Freud a pergunta: O que quer a mulher? Essa pergunta parece revelar, portanto, os impasses que as mulheres sofriam (e ainda sofrem) ao se constituir como desejante em uma sociedade patriarcal, que as subalterniza. Seus únicos caminhos eram amar um homem e se tornar mãe. Qualquer circuito desejante fora desses trilhos não tinha lugar.

Ainda de acordo com Vieira (2019), a leitura de Freud sobre a sexualidade deste regime falocêntrico foi fonte de mal-entendido, no qual se defenderia que os homens teriam acesso direto ao poder e ao gozo, enquanto a mulher somente por via indireta ao eleger um homem. Em suas palavras: “Seu movimento era o de indicar exatamente como uma análise agia a partir do fracasso dessa identificação, visava-a do avesso. Entendeu-se o contrário, que visava à apologia e restauração da identidade fálica” (VIEIRA, 2019, p. 179).

Reconhecer tal estrutura não implicava, contudo, que uma análise se daria para confirmar tais posições. Pelo contrário, a psicanálise trabalha com o inconsciente, a divisão subjetiva, as fixações libidinais polimorfos, com o gozo que não se limita às identidades de homem e mulher de modo a conduzir o sujeito à pura diferença, a consentir com a contingência do desejo ao invés de fixá-lo novamente na norma fálica.

É inegável que ainda hoje um pedacinho de corpo, o pênis, constitui a fonte da primeira diferenciação entre meninos e meninas. Basta pensar em uma ultrassonografia no qual se identifica o sexo do bebê. Presença e ausência do pênis é forma de ler a natureza. Não inventamos ainda outro recurso ou outra forma de fazer essa diferenciação, constituindo aqui um primeiro par simbólico.

Nesse ponto, não podemos desprezar a consideração de Judith Butler (2016 [1990]) de que a matriz heterossexual antecede a própria noção de

“identidade pessoal”, tendo em vista que antes mesmo que o sujeito possa se reconhecer como tal, ele já foi marcado e antecedido por uma identidade de gênero: masculino ou feminino. O que se sabe com a psicanálise, entretanto, é que essa primeira identidade de gênero não é suficiente para pensar o que concerne a sexuação do sujeito.

Ainda sobre esse pedacinho de corpo, Freud propôs pensar sobre as “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (FREUD, 2020 [1925]), que bem poderia ser descrita como “Algumas consequências psíquicas dos discursos sobre distinção anatômica entre os sexos”. Sobre esses discursos, Freud descreveu como se daria o encontro com o outro sexo e os efeitos psíquicos inconscientes desse encontro, sendo a primazia fálica o ponto de referência para os sujeitos a partir do qual estruturariam sua sexualidade, servindo-se das identificações oferecidas pelo discurso do Outro, que ele traduziu como: fálico e castrado.

As interpretações sobre o corpo masculino o dotam de um órgão com acentuada fonte de prazer, inclusive, auto-erótica, ao passo que a vagina só era concebida como um órgão de reprodução, desalojado do prazer. Nesses termos, a posição masculina implica em acreditar ter o poder de gozar, “ter o falo”, mas que, em contrapartida, pode perder, vivendo ameaçado; ao passo que a feminina, se constrói em meio à falácia que ela não tem direto acesso ao gozo, no qual precisaria passar pelo corpo do outro. Isso gerava uma série de dificuldades para o tornar-se mulher e implicava em possibilidades de caminhos distintos no campo sexual, nos diz Freud (1996 [1931,1932]): a inibição, o complexo de masculinidade ou a feminilidade.

Não se pode deixar de reconhecer, contudo, as dificuldades de Freud a respeito da leitura sobre a sexualidade feminina ao situá-la por meio de uma dialética com o *penisneid*, “inveja do pênis”. Um termo que não deve ser entendido em sua literalidade, no qual as mulheres desejariam ter um pênis, mas demarca a posição de tensão da menina em relação ao falo, aos símbolos de poder, no qual haveria a reivindicação, a disputa e a descrença. Por outro lado, a palavra “inveja” atribui tom pejorativo que ofusca e põe dificuldade para reconhecer os impasses próprios à construção do feminino, sobretudo, na época de Freud. Ou seja, a ideia de inveja do pênis desconsidera as interpretações sociais sobre o corpo, as questões econômicas, de propriedade, de poder e de reprodução impostas às mulheres nesse período.

Por outro lado, Freud (2020 [1923], p. 239) ao articular a dimensão da organização genital infantil afirma “não há um primado genital, mas um primado do falo [*phallus*]. A eleição do termo falo não é aleatória. Lacan (1998a [1958], p.359) chega a dizer que “não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência de simulacro que ele era para os antigos.” Simulacro, insígnia – para os antigos o falo não era igual ao pênis (LACAN, (1999 [1957-58])). Tratava-se de uma representação do pênis ereto, no qual os gregos chamavam de falo e Priapo. A imagem do falo era algo presente na cultura romana, egípcia e grega, seja em joias, sinos, tigelas, paredes, muros, fincados no meio de uma plantação, entre outros lugares. Tal imagem, por sua vez, simbolizava fertilidade e agia como uma espécie de amuleto que trazia sorte e afastava o azar (BONFIM, 2011).

Da mitologia, se extrai também a figura do deus Priapo. Considerado o deus da fertilidade, sua função era proteger o rebanho e a plantação. Sua imagem era a de um homem idoso com grandes órgãos genitais. Embora, seu membro viril fosse enorme, este era impotente. Por isso, a necessidade de cultuar o falo. Diante disso, era comum as “falofórias” – procissões onde se levava imagens fálicas com objetivo de neutralizar a impotência. Notadamente, havia uma supervalorização do falo e uma intrínseca relação dessa representação com a sexualidade e a reprodução (BONFIM, 2011).

Portanto, se o falo apresenta um símbolo de potência e proteção para os antigos, seu correlato é o medo e a ameaça – o que impõe o culto a essa representação, colocando-o como um totem. Mais ainda, um falo ereto todo o tempo, como o do deus Priapo, ironicamente é impotente. Sendo assim, a teoria freudiana em seu interior destaca o efeito paradoxal da própria ideia inconsciente de primazia fálica, pois como pondera Vieira (2019), nunca se é infalível tal como a ideia do pênis sempre ereto, restando aos sujeitos serem marcados pela castração.

Posto isto, o que se pode extrair das teorizações freudianas – segundo Soler (2005) – é que, diante das pulsões polimorfos, o complexo edípico serve como aquilo que vem unificar o circuito pulsional por meio das identificações. Assim, as pulsões se subordinam à medida fálica, produzindo interditos e indicando um caminho por onde o sujeito estaria autorizado a desejar e a escolher seus objetos amorosos. Ou seja, uma medida que implica em um processo simbólico que visa circunscrever o real. Trata-se, portanto, de um reconhecimento da parte de Freud de como o discurso do Outro incide por meio das normas e modelos em relação à identidade.

As transformações sobre o conceito de falo no ensino lacaniano: do significante à lógica do não-todo

A marca da entrada de Lacan no circuito psicanalítico foi o seu famoso “Retorno a Freud”, por meio do qual destacou os desvios teóricos e clínicos cometido pelos pós-freudianos. Podendo contar com o suporte da linguística e do estruturalismo, que avançava com um método de maior rigor para ciências ditas sociais, Lacan retoma inicialmente a obra de Freud através de uma leitura que enfatizava a primazia do registro Simbólico em detrimento ao Imaginário e Real. O interesse se Lacan passa a ser a relação entre os significantes, no qual a metáfora paterna seria uma forma de demonstrar como se resume o Édipo freudiano, a saber: pela substituição de significantes – desejo da mãe substituído pelo Nome-do-Pai (VIDAL, 2013).

Ao destacar esses desvios, Lacan também retomou um fervoroso debate ocorrido entre Freud e os pós-freudianos, que ele ironicamente denominou de “querela do falo”. Esse debate foi fruto da influência do movimento feminista no interior do campo psicanalítico – o que levou os discípulos de Freud (entre eles: Ernest Jones, Melanie Klein, Hélène Deutsch e Karen Horney) a apontarem a atitude falocêntrica e hierárquica dos sexos na abordagem freudiana. A problematização da fase fálica no desenvolvimento da menina era o ponto central dessa discussão e para avançar neste debate, Lacan empreendeu o esforço de separar o falo da imagem do pênis, elevando-o também ao estatuto de significante que opera no campo do desejo, submetido ao regime da castração. Precisamente, afirma Lacan:

Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza (LACAN, 1998a [1958], p. 696).

Ao retomar o conceito de falo na obra de Freud e situá-lo como um significante, Lacan esvaziou o Édipo, a castração e o falo do campo mitológico e os elevou ao estatuto de estrutura, localizando com mais precisão a dimensão simbólica presente na sexualidade. Assim, Lacan formaliza que na falta de um instinto que oriente o sujeito no campo sexual, ele encontra no campo do Outro um significante que em sua dimensão de presença e ausência articula as posições sexuadas.

Dois textos são fundamentais a essa discussão: “A significação do falo” (1958) e “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960). Em ambos, Lacan é bastante freudiano, na medida em articulava a construção da posição sexual a partir do processo de identificação. Homem é “suposto ter o falo” e a mulher está na posição de “ser o falo”. Contudo, no segundo texto, além de se posicionar contra as críticas feitas pelos pós-freudianos, Lacan se pergunta “se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher” (LACAN, 1988b [1960], p. 739).

Esse questionamento antecede uma discussão que só veio ocorrer de forma definitiva na década de 1970, com a lógica da sexuação. Por outro lado, em O Seminário, livro 10 – A angústia (2005 [1962-63]), ele apresenta uma nova maneira de pensar a lei, a castração, e conseqüentemente, a questão fálica, a saber: em termos de separação, de corte, servindo-se do conceito de objeto a. Este é apresentado enquanto pedaços do corpo que são cedíveis, “a libra de carne” arrancado do sujeito para que ele possa se constituir. Elencando esses objetos, Lacan situa as cinco formas de perda: oral, anal, fálico, escópico e vocal – que se constituirão para o sujeito enquanto suporte da função de causa e ponto de condensação de gozo.

Com isso, Lacan remaneja a questão fálica ao articulá-la com a perda de gozo, extraída a partir de um pedaço de corpo que se separa do sujeito. Não obstante, foi por meio da sexualidade masculina que ele trabalhou a dimensão da falta fálica, o (- φ). Ou seja, ele abordou a castração neste seminário a partir da detumescência que atinge o pênis no momento do orgasmo, pois corresponde a queda do que há de mais real no sujeito (LACAN, 2005 [1962-63]).

O que verificamos no Seminário 10 é uma forma de enfatizar a falta e não a completude, na medida em que a ameaça de castração não diz respeito a uma problemática que incide sobre um ser total, mas procura destacar a falta que aponta para a impossibilidade de um gozo absoluto. De maneira mais precisa, Lacan (2005 [1962-63]) afirma que é justamente o homem que precisa se confrontar com a angústia de castração visto que o objeto fálico, nesse momento do ensino de Lacan, corresponde um objeto que se destaca do corpo, que não está subordinado aos comandos do sujeito. Logo, a angústia de castração passa a não ser mais enfatizada em termos de uma ausência do órgão fálico na mulher, em termos da privação feminina – abrindo caminho para uma maneira inédita de pensar a feminilidade na psicanálise.

Contudo, a virada teórica no que concerne a abordagem da sexualidade feminina só se fará realmente sentida ao longo dos Seminários 18, 19 e 20. Nestes seminários, o falo continua sendo apresentado como o elemento estruturador da sexualidade, contudo, ele passa de atributo (ter ou não ter) à função, $F(x)$. A questão agora parece ser destacar como os efeitos do discurso patriarcal e falocêntrico ao tocar no corpo dos seres falantes, pode ser convertido em termos de função, sendo capaz ou não de ordenar, limitar, suprir ou mesmo fracassar, a ordenação da sexualidade. Pensado como função, Lacan identifica que o falo produz lógicas e modalidades de gozos distintas (lógica do todo-fálico/não-todo e gozo fálico/gozo suplementar) e, conseqüentemente, maneiras diferentes de se relacionar com o outro sexo.

Convém assinalar que essa discussão é antecedida por uma modificação no ensino de Lacan, no qual linguagem e gozo não são tomados como campos separados, mas como dimensões que se articulam. Em O Seminário 17 – O avesso da psicanálise (1992 [1969-70]), Lacan pensa o discurso como uma forma de laço social, um efeito da linguagem que tenta aparelhar o gozo, indicando os modos como os sujeitos ordenarão seu circuito pulsional. A psicanálise busca, então, mapear os rastros e as pistas da maneira singular como o ser falante é afetado pelos discursos. Necessário, todavia, é estarmos advertidos que o ensino lacaniano ao articular discurso e gozo, não equivale a pensar a sexualidade como sendo totalmente

construída de acordo com a rede discursiva e as normatividades vigentes, pois há sempre algo que subverte o regime de poder. Por outro lado, também não convém tomar os conceitos psicanalíticos sobre a sexualidade como algo transcendental e atemporal, que exclui as transformações culturais. Propriamente, ao contrário de uma visada construtivista, a psicanálise lacaniana destaca um elemento heterogêneo: o gozo, fruto de como o discurso toca o corpo e como cada sujeito lida com ele de maneira singular.

Nesta direção, que inclui pensar a relação entre discurso e gozo, Lacan passa a trabalhar com a ideia de semblante em O Seminário, livro 18 – De um discurso que não fosse do semblante. Assim, o falo é reduzido a um semblante, enquanto aquilo que envelopa o vazio. Ele faz crer a existência de algo que não há; pura ficção. Ele é um recurso simbólico e por vezes imaginário, que indica um real impossível de aceder. Precisamente, Lacan afirma que: “O falo é, muito propriamente, o gozo sexual como coordenado com um semblante, como solidário a um semblante” (2009 [1971], p. 33). O curioso, contudo, é constatar que se o falo é o que coordena, organiza, ele é também o que desorganiza. Ele é o que coloca todo tipo de impasse na relação sexual entre o homem e a mulher. Ele é propriamente aquilo que fracassa em fazer funcionar a relação.

Voltando à questão da virada teórica no modo de abordar a função fálica, cabe também contextualizar esse período e nos perguntar sobre as mulheres dessa época. Notadamente, as mulheres que Freud atendia não eram as mesmas que Lacan recebeu em seu consultório. Entre os anos de 1910-30 e os anos de 1960-70, há uma ebulição de acontecimentos sociais, entre as quais, se pode situar as grandes Guerras, a primeira e segunda onda do feminismo, maio de 1968, o avanço do capitalismo e da ciência. Enfim, se Freud pode reconhecer a uma centralidade do falocentrismo no que concerne a estruturação de sua época, Lacan certamente escutou mulheres onde já não podia reconhecer que a falta fálica era suficiente para compreender a sexualidade feminina. Elas cada vez mais se mostravam descrentes dos semblantes fálicos.

O impacto, sobretudo, do feminismo nessas mudanças é inegável. O feminismo não é o mesmo que o feminino, mas não podemos recuar de perceber que as conquistas no plano social, cultural e econômico permitem que as mulheres se orientem por novos discursos, mudando sua relação com o sexo, com o prazer, com os homens, bem como com as possibilidades de gerir sua vida, construindo outros circuitos desejantes que não somente a maternidade. Lacan, pôde assim verificar que o campo do gozo havia sofrido permutações. Foi preciso ir além do falo.

Chegamos então à sexuação propriamente dita, no qual o ensino lacaniano por meio de fórmulas lógicas estabelece um lado masculino e outro, feminino, em relação à função fálica. Lacan (1985 [1972-73]) localiza o homem como aquele que está totalmente referido à lógica e ao gozo fálico. Dizendo de outro modo, homem é aquele que está submetido totalmente à castração, no qual referencial fálico constitui-se como um ponto de ordenamento e, ao mesmo tempo, de defesa para lidar com o infamiliar campo do gozo. Essa ordenação é possibilitada nos termos lacanianos pela relação entre a regra e a exceção. Existe um sujeito que nega a castração, o Pai da Horda (cujo caráter é mítico e ficcional), e desta exceção forma-se a regra, o “conjunto homem”, sendo o ideal do Pai e, conseqüentemente, o ideal viril um horizonte (LACAN, 1985 [1972-73]).

O campo feminino, por sua vez, por não poder contar com a exceção, não se organiza através de um conjunto fechado. Sem um modelo, o campo feminino constitui-se como um infinito – proposição que Lacan definirá por meio do aforisma: “A mulher não existe”. Não existe uma identificação modelo de modo que cada mulher precisa se inventar, se fabricar. Mas, para tanto, é preciso consentir com a indeterminação e com a instabilidade que a

1

Proposições da Lógica aristotélica: Universal afirmativa: Todos os homens são mortais. / Universal negativa: Nenhum homem é mortal. / Particular afirmativa: Alguns homens são mortais. / Particular negativa: Alguns homens não são mortais. Nenhum homem é mortal não contradiz Todos os homens são mortais, pois um ou outro é verdadeiro – o que implica que o outro é falso. A contradição existente está na particular negativa. Se Todos os homens são mortais, não é possível que alguns não sejam. Esse é ponto de impasse aristotélico que Lacan se utiliza e inventa uma maneira muito própria de trabalhar com ele, propondo a ideia de não-todo. (LACAN (2009 [1971]))

lógica do não-todo introduz – caso contrário, buscará refúgio justamente na lógica fálica e na sua forma limitada de gozo. Em termos lógicos, Lacan também propôs que a mulher é aquela que se encontra não-toda referida ao falo, no qual seu gozo inclui a delimitação que o significante introduz, mas vai além, constituindo, assim, uma modalidade de gozo suplementar (LACAN, 1985 [1972-73]).

Nesse sentido, Lacan chega ao Seminário 20 ainda se servindo de uma noção tão cara à psicanálise que é o falo, mas, por outro lado, o aborda a partir de um ponto de impasse da lógica aristotélica¹ ao falar em “não-todo”, como uma forma de objeção de dois universais, o afirmativo e o negativo. Ou seja, a mulher está referida ao falo, mas não completamente. Portanto, não se trata de afirmar ou negar em termos absolutos a relação da mulher com a função fálica (LACAN, 1985 [1972-73]).

O pensamento sobre a sexualidade na Europa do século XIX-XX e as teorizações freudianas sobre a diferença sexual

Na década em que Lacan teorizou suas fórmulas da sexuação, o feminismo mais uma vez chamava a psicanálise para o debate. Assim, no anos de 1970, segundo Cossi (2020), Lacan era discutido tanto pelo feminismo francês quanto pelos estudiosos de gênero norte-americanos. A corrente de feministas francesas (Luce Irigaray, Helene Cixous, Michele Montrelay, Julia Kristeva e Monique Wittig) pretendia interrogar o patriarcado utilizando como ferramenta a linguagem para com isso transformar o lugar da mulher no discurso. Irigaray, por exemplo, criticava tanto a noção de ordem simbólica, Nome-do-Pai e falo presente no primeiro ensino lacaniano, quanto às modificações mais recentes de Lacan sobre a sexuação. Entendia que localizar a mulher como não-toda, bem como a ideia de que “a mulher não existe” correspondia a deixar a mulher mais uma vez excluída do discurso. Para incluí-la na linguagem, a proposta de Cixous e Montrelay era promover uma escrita regida não exclusivamente pela ordem simbólica, mas por experiências do corpo que pudesse qualificar o feminino.

Na outra corrente, existiam as feministas americanas que buscavam questionar também o patriarcado, tendo como estratégia transformar a estrutura social por meio das reconfigurações das relações de parentesco. Entre elas, temos Gayle Rubin, que passou a discutir as teorizações lacanianas, contudo, de um Lacan mais inicial, da década de 1950, que se serviu do estruturalismo de Lévi-Strauss e da noção de ordem simbólica (COSSI, 2020). Segundo Lima (2020), o pensamento de Rubin serviu de base para fundamentar a crítica de Butler a teoria de Lévi-Strauss e Freud, por considerar que elas ratificavam a opressão das mulheres. Lévi-Strauss, por teorizar que, em função das normas de parentesco, o lugar da mulher seria de um objeto de troca entre os clãs, sendo um dos fundamentos da cultura. E Freud, por falar em primazia fálica. Nesse sentido, Butler situa que a origem da cultura pensada a partir da troca de mulheres, do tabu do incesto e da exogamia mostra-se como um arranjo cultural contingente para forjar uma ideia de heterossexualidade natural (LIMA, 2020).

Representante da terceira onda do feminismo, Butler busca denunciar que corpos como os dos homossexuais, travestis, transexuais e intersexos têm sido tomados como um excesso – os “corpos abjetos”. Por fugirem da lógica heteronormativa, são vistos como descartáveis e, portanto, podem ser alvo de marginalização, segregação e violência. Nesse sentido, a psicanálise ao situar o problema da sexualidade pelo viés somente do homem e da mulher, por meio de parcerias heterossexuais, acaba por fomentar a heteronormatividade e a reiteração do sofrimento e da violência sobre tais corpos, segundo Butler (2016 [1990]), pois exclui a possibilidade de pensar gêneros não binários, diferentes práticas sexuais e atípicas formas de organização familiar.

2

Sobre o uso dessa nomenclatura de Lacan, seria importante considerar que não havia em sua época (anos de 1970) uma maior incidência de outros gêneros – tal como temos na atualidade. Essa é uma questão para os são analistas hoje em dia, na medida em que precisam acompanhar a subjetividade de seu tempo.

Como as feministas desde Freud, a crítica de Butler à psicanálise refere-se ao conceito de falo e como assinalam Dunker e Cossi (2019), ela é apenas uma amostra da longa história entre feminismo e psicanálise. Precisamente, o questionamento de Butler (2016 [1990]) refere-se ao texto lacaniano “A significação do falo” no qual Lacan descreve a sexualidade em termos binários: posição masculina, por “ter o falo” e a feminina, por “ser o falo”, no qual a mulher fica no lugar de objeto do desejo do homem e acaba por ser reduzida a refletir esse desejo (2016 [1990]).

Diante disso, é possível perceber que as críticas de Butler se concentram no primeiro ensino de Lacan, desprezando os avanços introduzidos com as fórmulas da sexuação. Por outro lado, seus questionamentos e os que advêm da terceira onda do feminismo tem sido fundamentais para “balançar” os psicanalistas, colocando-os novamente em trabalho. Aqui, me incluo! Cada vez mais somos forçados a retomar com maior rigor a discussão sobre a sexuação na psicanálise de modo a pensar se ela é capaz de responder ao modo como a sexualidade comparece no século XXI.

Butler problematiza a questão dos gêneros binários, Lacan, por sua vez, com a sexuação fala em repartição de gozo. Mais ainda, Lacan (2012 [1971-72]) afirma que as noções de “homem” e “mulher” são valores sexuais, que tanto um quanto o outro “simulam *font semblant*” seu papel, e que para pensar a sexualidade do sujeito é preciso tomar dois polos distintos: o do semblante e o do gozo. O nível do semblante é justamente o que atualmente tem sido chamado de “identidade de gênero”. Diferente, porém, do que se refere ao gozo fálico e não-todo fálico. Assim, se implodirmos a nomenclatura “lado homem” e “lado mulher”² das fórmulas quânticas da sexuação, podemos nos ater naquilo que é central a essa discussão: o modo de estar referido à função fálica e a modalidade de gozo que repercute em cada sujeito a partir dela. Portanto, trata-se de uma noção inédita para pensar o sexual que não se reduz aos papéis sociais, nem responde aos padrões de gêneros binários.

Estar totalmente ou de forma não-toda referido a função fálica se traduz em formas de gozo que não se estabelece pela anatomia, nem pressupõe a heterossexualidade. Lacan, inclusive, afirma: “Todo mundo sabe que há mulheres fálicas, e que a função fálica não impede os homens de serem homossexuais.” (1985 [1972-73], p. 97). Ao embaralhar anatomia e modalidade de gozo, um dos exemplos que Lacan nos oferece sobre os sujeitos que se inscrevem na lógica do não-todo é São João da Cruz – um místico que por meio de sua escrita poética dava notícias de experimentar um gozo mais além do falo (LACAN, 1985 [1972-73]). Seu corpo se colocava como um corpo aberto a ser tocado, penetrado “em chamas” pelo amor de Deus, no qual sua “alma, nesta chama, sente tão vivamente a Deus e dele goza com tanto sabor e suavidade” (CRUZ *apud* LIMA, 2022, p. 258) Nesse sentido, Lima (2022) considera que o próprio Lacan nos abre caminho para pensar o queer –o estranho, o esquisito e o bizarro – na sexuação, na medida em que a despeito da anatomia e das normas sociais, o ser falante pode assumir posições de gozo que não condizem com os padrões pré-estabelecidos pela sociedade.

Portanto, tal como nos orienta as fórmulas da sexuação, mais do definir o sujeito em termos de homem e mulher, ela localiza suas formas de gozo – o que nos permite abranger as diferentes nomeações, práticas sexuais e formas de vivenciar a sexualidade. Ainda que se fale em lado masculino e feminino, o que se extrai das fórmulas não são dois sexos, dois universais, dois gêneros, nos quais se confirmaria o padrão normativo binário e heterossexual. Lacan fala em um conjunto fechado e outro aberto ao infinito. Além disso, toda ênfase na exposição das fórmulas é confirmar a ausência de relação sexual. Não há par binário; só parcerias sintomáticas.

3

Homofonia com a palavra
Encore [Mais, ainda], título do
Seminário 20.

A pergunta, então, que devemos nos fazer sobre a sexuação dos sujeitos não é, portanto, se ele é homem, mulher, transexual, ou qualquer outra identidade de gênero que o falasser possa se nomear.... Isso são significantes, semblantes que buscam circunscrever o real que o sexual comporta. Não viso aqui desconsiderá-los, pois eles têm implicações no social em termos de relações de poder e maior ou menor vulnerabilidade, conseqüentemente, em formas de segregação e sofrimento que não podemos desprezar. Isso mereceria outro debate. O ponto aqui levantado para pensar a sexuação ainda na atualidade gira em torno de poder identificar em qual modalidade de gozo o sujeito está localizado, independente da nomeação que ele se serve ou daquilo que a cultura busca instituir. Gozo fálico ou gozo não-todo?

Do lado fálico, estão os sujeitos que gozam e estabelecem uma relação com seu corpo a partir de um ponto limite, que é o falo. Creem no falo. Fazem-se, portanto, escravos dos semblantes fálicos, procurando sustentá-lo como símbolo de potência, mas, por outro lado, precisam pagar o preço de se colocar sempre angustiados pelo temor de falhar. Além disso, como defesa, podem acabar produzindo formas de segregação em relação aos sujeitos que apresentam um gozo além do falo. Nota-se, entre os sujeitos regidos pela lógica fálica, uma experiência corporal centrada, no qual o gozo se apresenta por meio de uma satisfação limitada a uma parte do corpo que passa a ser altamente investida (podendo ser o pênis, o clitóris ou qualquer outra região, que funcione falicamente). Essa satisfação limitada, por sua vez, é alcançada ao fazer uso do corpo do outro como objeto de sua fantasia – indicando uma modalidade de gozo fetichista e solitária. Como afirma Lacan, é um tipo de gozo que não se relaciona com o Outro e que produz todo tipo de obstáculo ao amor (LACAN, 1985 [1972-73]).

Do lado não-todo, estão os sujeitos que consentem em não fazer semblante da posse fálica, nem se deixam limitar completamente pelo significante. Pelo contrário, permitem-se a invenção e a construir um *savoir-faire* em relação ao uso desses aparatos, abrindo-se a possibilidade de acessar um gozo que vai além do falo. Até porque o significante não é capaz de ordenar e dominar tudo o que concerne ao gozo. Ao acessar esse gozo além do falo, o modo de satisfação, por sua vez, não mais se restringe a uma parte específica do corpo. Ele se dá *en corps*³ [no corpo], no ilimitado do corpo e não se vivencia só no ato sexual, podendo ser experimentado com as palavras, no amor, na indeterminação, na fluidez. Esse corpo, ao não se fazer fechado, endurecido, uma unidade, está mais aberto vivências distintas de satisfação – o que também possui como contraponto ter um caráter sem limites e desregulador, podendo habitar experiências do amor que vão do deslumbramento à devastação (LACAN, 1985 [1972-73]).

Sendo assim, ao nos guiarmos pela lógica e pela modalidade do gozo podemos avançar no debate quanto à pretensa defesa do binarismo na psicanálise. A sexuação lacaniana nos permite dar conta de pensar os sujeitos que consentem com uma maior invenção e bricolagem no terreno da sexualidade. Pois ao identificar que o significante fálico, com sua forma de ordenação, defesa e mortificação do gozo ainda produz efeitos sobre o corpo do falasser, Lacan ao mesmo tempo, aponta seu fracasso em dominar por completo esse campo tão estrangeiro e errante. O gozo tem seu lado queer.

Considerações finais

Freud pensou a sexualidade a partir da ideia de primazia fálica – formulação altamente questionada pelos pós-freudianos. Influenciados pelo movimento feminista da época, eles identificaram nesse tipo de compreensão uma posição falocêntrica nas teorizações freudianas que impedia Freud de pensar a sexualidade feminina. Assim, se inaugura um

debate entre psicanálise e feminismo que acompanha a história desses dois campos, no qual o conceito de falo é ponto de tensão.

Lacan retoma essa discussão, sem abrir mão desse conceito, mas produzindo ao longo do seu ensino uma série de nuances na forma de abordá-lo. Assim, ele passa a um significante, depois a uma das formas do objeto a, vindo a ser articulado como semblante e, por fim, estabelecendo-o como uma função. Com isso, Lacan produziu uma reformulação no modo de entender a sexualidade, que se edificou por meio de uma passagem da identificação ao campo da sexuação.

Freud e Lacan reconheceram que a herança paterna foi capaz de orientar a constituição do sujeito, recolhendo dessa incidência um significante que se destaca entre os outros: o falo. Assim, na falta de um saber instintual sobre a sexualidade, os sujeitos se servem do significante que lhe é ofertado na cultura para estruturar sua sexualidade. Portanto, não se trata de dizer que a psicanálise é falocêntrica. É a cultura que é regida pelos padrões fálicos e psicanálise tem interpretado seus efeitos inconscientes sobre os sujeitos e sobre seus corpos. É digno de nota que ao identificarem tal funcionamento, a teoria freudiana e lacaniana não necessariamente se posicionou de forma crítica e declarada a ordem cultural falocêntrica, mas também não a defendeu, nem atestou que a sexualidade deveria funcionar nesses moldes. Talvez seja uma tarefa dos que são psicanalistas hoje se servir da crítica feminista para remanejar melhor o debate sobre a sexualidade e não fomentar discussões que flertam com a segregação de corpos, pensando unicamente em termos dos semblantes homem e mulher heterossexuais.

Um ponto que merece destaque nesta discussão é poder situar que para além da centralidade do falo, é justamente o conceito de castração, sua negatividade, que tem maior importância dentro da psicanálise, pois se trata de levar em conta como o sujeito responde a falta. Castração não é mutilação, mas perda de gozo ao entrar na linguagem, portanto, se aplica a homens e mulheres. O homem não tem o falo, ninguém tem. Ele se faz escravo do semblante fálico para garantir alguma consistência. Lacan (1999 [1957-58]) apontou, inclusive, a impostura masculina que é fazer semblante de ter o falo.

Posto isto, o esforço desse trabalho foi trazer à tona o debate sobre o conceito de falo – que se relança a cada nova onda do feminismo – para saber se ela ainda nos ajuda a pensar a sexualidade na atualidade. Estamos de fato em uma época muito distinta tanto de Freud quanto de Lacan no que diz respeito ao modo como corpos sexuados se apresentam. As noções de masculinidade e feminilidade não são suficientes para pensá-los, na medida em que novas composições e rearranjos quanto ao sexual surgem no tecido social. Por outro lado, tanto a psicanálise quanto o feminismo estão de acordo que o regime patriarcal, mesmo sofrendo abalos, ainda impera na cultura ocidental e produz efeitos os mais variados na sexualidade, que vão desde aos controles dos corpos até a subversão de suas formas normativas.

Isso, portanto, implica em dizer que não ultrapassamos o regime e a política patriarcal e fálica, mas ela opera de forma “não-toda”, de modo que as conceituações lacanianas ainda nos permitem acompanhar a subjetividade de nosso tempo. Pois, ao introduzir as noções de gozo e lógica para articular o sexual, Lacan reduz o falo a uma função, estando então interessado em saber como os sujeitos a objetam, a cumprem, a satisfazem ou a negam. Há os que ainda gravitam sua sexualidade em torno do falo, mas há também os que se colocam mais além dele.

Sobre o artigo

Recebido: 09/08/2021

Aceito: 18/09/2021

Referencias bibliográficas

BERTAUD, J.-P. O exército e o brevê de virilidade. In: CORBIN, A., COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade: O triunfo da virilidade: O século XIX**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, v. 2, p. 74-94.

BONFIM, F. **Primazia, querela, significante e objeto a: um percurso na psicanálise sobre o falo**. 2011. 144 p. Dissertação (Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise) – Instituto de Psicologia – UERJ – Rio de Janeiro, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. (1990) Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

CORBIN, A. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: CORBIN, A., COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade: O triunfo da virilidade: O século XIX**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, v. 2, s/n., p. 13-34.

COSSI, R. Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação. **Psicologia USP**, 2020, v. 31. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/KVggHSsLN6GLFbjWxVRKWRk/?lang=pt>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade** – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 259-276.

FREUD, S. O declínio do Complexo de Édipo (1924). In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade** – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 247-257.

FREUD, S. Organização Genital infantil. (1923) In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade** – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 237-245.

FREUD, S. Feminilidade (1932). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII, p. 113-134.

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931) In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI. p. 233-251.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII. p.128-229.

IANNINI, G.; TAVARES, P. Sobre amor, sexualidade e feminilidade. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade** – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 7-35.

LACAN, J. A significação do falo. In: LACAN, J. **Escritos**. (1958) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 a., p. 692-703.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. (1958) In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b, p. 734-748.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5** – As formações do inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10** – A angústia (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17** – O avesso da psicanálise. (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992

LACAN, J. **O Seminário, livro 18** – De um discurso que não fosse semblante. (1971) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 19** - ... ou pior (1971-72). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20** - Mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LIMA, V. Lacan, as normas de parentesco e a castração masculina. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, 2020, v. 52.2, p. 6-27. Disponível em: https://www.tempospsicanalitico.com.br/index.php/tempospsicanalitico/article/view/288/pdf_198. Acesso em: 10 de fev. 2021

LIMA, V. Masculinidade, feminilidade como modos de gozo: sexuação, diferença sexual e mais além. In: BONFIM, F. (Org.) **Leituras psicanalíticas sobre os desafios da atualidade**. Curitiba: Editora Bagai, 2022, p. 244 – 260.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

VIDAL, P. Édipo, sonho de Freud. **Analytica Revista de Psicanálise**, São João del-Rei, v. 2, n. 3, , julho/dezembro de 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972013000200002. Acesso em: 25 de jul. 2020.

VIEIRA, M. “Quereres”. In: IANNINI, G. (Org.) **Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre a homossexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019, p. 176-183.